

LÉVINAS E O DISCURSO MULTICULTURALISTA

Raphael Douglas Monteiro Tenorio Filho¹

RESUMO: As “pequenas esquerdas” de outrora explodiram com toda a força nas últimas décadas. Somos testemunhas de um tempo que nos dá fortes sinais de mudanças e de críticos movimentos tectônicos nas inflexíveis placas sociais. Todo discurso carrega em si um fundamento. Questionamos aqui, contando com o auxílio de alguns críticos contemporâneos, se é a Ética da Alteridade um dos panos de fundo do atual discurso do *respeito à diferença*. Emmanuel Lévinas, pensador Lituano, de cultura judaica e de língua francesa, tem sido alvo de uma série de julgamentos por ser uma possível matriz do discurso moral que vem alavancando e dando voz aos grupos sociais que em tempos recentes se encontravam em completo silêncio, amordaçados por discursos sufocantemente dominantes. É Lévinas um dos operários contemporâneos que trabalham no edifício da tolerância multiculturalista? Qual o problema no conceito de tolerância? É possível defender a intolerância? Na ética da responsabilidade pelo outro, não se está ofuscando monstruosidade do próximo?

PALAVRAS-CHAVE: Lévinas, Alteridade, Multiculturalismo, Tolerância.

ABSTRACT: The last decades witnessed the blast of small left-wing political groups. We are spectators to a time that gives strong and critical signs of change of the often inflexible social order. Every speech has within itself a foundation. Thus, the present work applies contemporary criticism in order to inquire whether the Ethics of Alterity is at the core of nowadays discourse regarding difference. The Lithuanian-born, French Jewish philosopher Emmanuel Lévinas has been the target of numerous judgements that establish him as a possible origin of a moral reasoning that gave voice to many social groups that, until recently, remained completely silent and intimidated by dominant speech. Could Lévinas be considered as one of the architects of today's multiculturalism? What's the problem with the notion of tolerance? Is it possible to defend intolerance? Wouldn't such ethics of responsibility for the other be dismissing the other's own monstrosity?

KEYWORDS: Lévinas, Alterity, Multiculturalism, Tolerance.

¹ Mestre, Universidade Federal de Pernambuco

E-mail: raphael.douglas@hotmail.com

Os levinasianos, satisfeitos com a repetição e o comentário exegético são os menos levinasianos de todos.²

Como imaginar a vida dos outros, quando a sua própria mal parece concebível?³

É de Emmanuel Lévinas, pensador Lituano, de cultura judaica e de língua francesa, uma das posições mais polêmicas sobre a subjetividade no pensamento contemporâneo. A crítica que ergue sobre a totalidade e a denúncia dos mecanismos ontológicos em sua alergia à diferença e a tudo que escapa a órbita do Mesmo, lança termos a outro olhar sobre o que somos e sobre as filosofias de tradição metafísica. Sua polêmica é a proposta de uma subjetividade a-gnosiológica, ou seja, não oriunda das filosofias tradicionais da consciência.

A proposta de pensar radicalmente a subjetividade, apontando via instrumental fenomenológico a inexorável dependência do encontro com o Outro em sua absoluta estranheza e distanciamento - no que consiste a própria constituição da subjetividade, numa relação anterior a todo movimento racional, consciente do ser em ato -, sugeriu uma reconfiguração no modo de se pensar o homem. Lévinas busca um novo sentido para o humano tentando oferecer alternativas filosoficamente honestas para o complexo solipsismo das filosofias da consciência, considerando a possibilidade de reler o sujeito em sua morte e finitude.

A ontologia em Lévinas não é mais dita no papel de *prima philosophia*⁴, é a ética agora, traduzida como responsabilidade, que vai se colocar na base e como condição de toda possibilidade humana, “fora do caráter apriorístico, racional e autônomo [...] A ética não corresponde a um sistema de critérios técnicos para o agir moral.”⁵

Em Lévinas, para além da identidade, a alteridade trata-se de uma tentativa de romper a ideia de que toda filosofia é exclusivamente fundada na ontologia. A tese central do pensamento de Lévinas é a ética como *Prima Philosophia*. “A filosofia ocidental foi o mais das vezes uma ontologia: uma redução do Outro ao Mesmo, pela interposição de um termo

² HUTCHENS, B. C. *Compreender Lévinas*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 17.

³ CIORAN, Emil. *Breviário de decomposição*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 26.

⁴ LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 2000. p. 33. “A ontologia como filosofia primeira é uma filosofia do poder.”

⁵ KUIAVA, Evaldo Antônio. *Subjetividade transcendental e alteridade: um estudo sobre a questão do outro em Kant e Lévinas*. Caxias do Sul: Educs, 2003. p. 199 e 2002.

mediano e neutro que assegura a inteligência do ser.”⁶ Nesse sentido, o filósofo, através de um caminho notadamente árduo, visa postular a anterioridade da ética sobre a ontologia, alegando que a relação ao Outro é antes ética do que teórica ou ontológica. Isso por que em Heidegger,

O homem inteiro é ontologia. Sua obra científica, sua vida afetiva, a satisfação de suas necessidades e seu trabalho, sua vida social e sua morte articulam com um rigor que reserva a cada um destes momentos uma função determinada, a compreensão do ser ou a verdade.⁷

A partir daí a subjetividade, segundo Lévinas, se instauraria na existência não via interessamento (*intéressement*) e cuidado (*Sorge*), mas na relação ética com a alteridade. A ética terá um caráter fundamental anterior ao horizonte ontológico. Um dos objetivos claros da obra levinasiana é assegurar a genuína relação com outrem, uma relação que é de outro modo frente a tudo que se conhece pela tradição metafísica que peca pela monotonia autóctone de um ser solitário. Em Lévinas, toda relação verdadeira com o Outro é pensada a partir do esquema face-a-face, que, em meio às infinitas e necessárias diferenças, garante uma justa, recíproca e desinteressada “simetria”. Logo, o sujeito levinasiano é um sujeito anárquico e incondicionalmente ético, um sujeito-hóspede/refém da alteridade. “É a alteridade que o outro porta como essência”.⁸

Dentro deste contexto reflexivo, Lévinas denuncia a incapacidade de se conviver com o outro dentro dos esquemas totalitários conhecidos, visto que a metafísica não conviveu bem com a diferença. Observe-se que a tradição analisada até então, sempre preconizou a mesmidade, a minheidade (*Jemeinigkeit, mienneté*), deixando em segundo plano a outreidade, a diferença. Sejam as representações clássicas, como o cogito cartesiano, o cogito monadologista, o cogito criticista, a *consciência intencional*, ou a novidade heideggeriana do *Dasein*, todos esses modos de compreender o mundo, segundo Lévinas, foram experiências consideradas auto-asseguradas. Nelas, o Outro é simplesmente anexado e objetificado num mundo de dominação e apropriação. Movimentos da totalidade na qual tudo está em seu lugar, reduzido e compreendido por esquemas e submetido a constructos artificiais de quem pensa o mundo a partir de si mesmo. Movimento totalitário que suprime o que não é o

⁶ LÉVINAS, Emmanuel. *Totalité et Infini*. Paris: Ed. Martinus Nijhoff, 1980. p. 33-34.

⁷ _____. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 22.

⁸ _____. *Le temps et l'Autre*. Paris: PUF, 2004. p. 80. “C’est l’alterité que l’autre porte comme essence.”

mesmo, o que não pertence ao acontecimento do ser, que é surdo ao outro por ser incapaz da abertura e da hospitalidade.

Lévinas, lido atualmente com muito cuidado e atenção, tem conquistado um interessado e numeroso séquito de admiradores, de leitores e, salutarmente, de críticos. Sem dúvidas, o status do qual goza atualmente esse pensador, deixou a muito de ser um coadjuvante na história da filosofia. Por diversas e inadvertidas situações, foi tido como um revisor (ou refutador) da filosofia heideggeriana e, por in-consequência, teve seu pensamento exposto como sofrendo embaraçosamente da perseguição de um crônico *fantasma heideggeriano*⁹, que permearia sua obra inteira, fazendo-o carregar um fortíssimo espectro da filosofia heideggeriana que não o deixava ser respeitado por si só.

A proposta ética de Lévinas - que não deve ser identificada às antigas éticas subordinadas aos sistemas de ontologia clássica ou às neutras relações ontológico-existenciais - é de difícil assimilação e aceitação. Logo, está passível de críticas e de questões inevitáveis. E devem, para o bem da perpetuação de suas ideias, serem inferidas. Entretanto, faz-se necessário testar a razoabilidade de suas ideias e é o que faremos no presente esforço, contanto, ainda, com o auxílio dos seus principais críticos. Como conceber a intersubjetividade - a metafísica do Outro - com a gravidade que propõe o filósofo francobelga? Nossas relações são realmente de inadequação com o outro? Qual a real gravidade de visá-lo como Coisa? A Ética da Alteridade, uma *religião do Outro*, é uma proposta cabível ou pura utopia?

Em todas as páginas da obra levinasiana, conseguimos vislumbrar a necessidade de outra ideia do humano. Como se a humanidade não estivesse presente na atual condição em que se encontra. O destinamento, principalmente ocidental, segundo Lévinas, afastou o homem de sua verdadeira essência co-laborativa de não-indiferença à diferença. As relações políticas, retóricas, governamentais e, em consequência, os entraves beligerantes, dão infinita razão às constatações estruturais de Thomas Hobbes. Por outro lado, a protocooperação do frágil *homo sapiens*, segundo Montesquieu, é preterida. É o homem *lobo do homem*? Ou, em estado de natureza, a fragilidade humana suscita uma natural necessidade de associação? Afirma Montesquieu:

O desejo que Hobbes atribui em primeiro lugar aos homens de subjugarem-se uns aos outros não é razoável. A ideia de império e de dominação é tão

⁹ C.f. LILY, Reginald. Levinas's Heideggerian Fantasm. In: PETTIGREW and RAFFOUL. *French Interpretations of Heidegger: An Exceptional Reception*. Albany: SUNY Press, 2006.

composta, e depende de tantas outras ideias, que não seria ela que o homem teria em primeiro lugar. Hobbes pergunta: ‘por que, se não se encontram naturalmente em estado de guerra, os homens andam sempre armados? E por que têm chaves para fechar suas casas?’ Mas não percebe que está atribuindo aos homens, antes do, estabelecimento das sociedades, aquilo que só pode acontecer após este estabelecimento, que fará com que encontrem motivos para atacarem-se e defenderem-se. Ao sentimento de sua fraqueza, o homem acrescentaria o sentimento de suas necessidades. Assim, outra lei natural seria aquela que lhe inspiraria a procura da alimentação. Eu disse que o temor levaria os homens a fugirem uns dos outros: mas os sinais de um temor recíproco encorajariam-nos a se aproximarem. Aliás, eles seriam levados a isto pelo prazer que um animal experimenta ao sentir a aproximação de outro animal de sua espécie.¹⁰

Lévinas e Montesquieu se adéquam, em certa medida, no trato da socialidade e da inter-relação, salvaguardando, obviamente, a cratera histórica que os separa. Para o filósofo de *Totalidade e infinito*, a sociedade é produto destinal da necessidade de dominação e categorização dos entes - que o homem também é. A História é a história dos vencedores. Estes que ditam o ritmo do mundo. Se o inglês hoje é uma língua símbolo da globalização, não é devido a uma facilidade maior de aprendizado. Devemos dominar a língua inglesa, por que há séculos os dominantes, os senhores e o pulso forte foram britânicos e hoje são norte-americanos. Fora dessa esfera habita o Outro, o distinto, o diferente, a África, a América Latina e a Ásia, as figuras da alteridade que, na lógica de Slavoj Žižek, pensador esloveno de renome contemporâneo, foram aproximadas artificialmente pelo capitalismo multinacional.

É o discurso da alteridade o pano de fundo do atual “respeito à diferença”? As pequenas esquerdas de outrora explodiram com toda a força nas últimas décadas, fazendo com que os tempos demonstrassem fortes sinais de mudanças e de violentos movimentos tectônicos nas inflexíveis placas sociais. É possível afirmar que as antigas lutas das minorias não obedecem às discretas refregas localizadas. As minorias, doravante, são a maioria. E não foi por boa vontade e aceitação do “outro como outro” que esses grupos, vítimas históricas de discriminação, desprezo elitista e preterição étnica, ganharam espaço. Impuseram-se politicamente, sindicalizando-se, protestando e usando, inclusive, de violência. As megalópoles atuais são enormes sítios do multiculturalismo. A convivência forçada de culturas antes incompatíveis, conseguiu, até agora, não mais do que a instauração da necessidade de uma *tolerância multicultural*. O conceito de tolerância estava fadado a se fixar. Sabemos ao menos que o fenômeno da tolerância evidencia um grandioso oxímoro

¹⁰ MONTESQUIEU, Charles de Secondat, baron de. *Esprit des Lois*. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, 1864. p. 6.

moral. De fato, testemunhamos atualmente um irônico paradoxo da democracia. Os intolerantes não são tolerados. Em suma, a intolerância prevalece.

Mas há quem saia em *Defesa da Intolerância*. Somos realmente reféns da alteridade? Pode a exigência ética ser uma violência? Não seria a figura do “absolutamente outro” o sustentáculo de um perigoso discurso multiculturalista? A história do homem deixa mais do que explicita a necessidade e o fetiche das guerras e da dominação. O outro é o estrangeiro, como pretende Lévinas, mas o estrangeiro de uma incômoda invasividade. É realmente lúcido conceber as relações como *acolhimento*? Ambicionar uma nova ideia do humano - se a necessidade de autodestruição parece ser um predicado essencial - não é uma utopia? Essas são algumas das questões levantadas por Zizek.

Lévinas é um dos operários contemporâneos que trabalham no edifício da “tolerância multiculturalista”. Segundo Zizek, a Ética da Alteridade faz uma diagnose equivocada do sujeito. Tornando “atemporal” o sujeito hipostasiado e depositando o tempo autêntico - o início mesmo da temporalidade - na relação com outrem, Lévinas estaria artificialmente passibilizando e tornando obcecado pelo outro um sujeito que, por natureza, só pode se manter vivo através do seu inexorável auto-interesse (*intéressement*). Zizek deseja saber de onde vem essa fascinação pelo outro com a qual se apegam os filósofos da alteridade e do multiculturalismo. Sua tese é extremamente polêmica. A fascinação dos multiculturalistas pelo outro tem a mesma raiz da fascinação pelo outro que alimentam os fundamentalistas religiosos. Há apenas uma pequena diferença: o fundamentalista possui uma fascinação autêntica, visto que deseja o total distanciamento do outro. Utilizando o exemplo do *Moral Majority*, grupo evangélico fundamentalista estadunidense, Zizek afirma:

Os fundamentalistas do *Moral Majority* e os multiculturalistas tolerantes são duas faces da mesma moeda, ambos partilham do fascínio pelo Outro. No *Moral Majority*, este fascínio exhibe o ódio invejoso do gozo excessivo do Outro, enquanto que a tolerância multiculturalista da alteridade, por mais distorcido que possa parecer – é sustentada por um desejo secreto de que o outro se mantenha ‘outro’, para não se tornar demasiado como nós. No contraste entre estas duas posições, a única atitude verdadeiramente tolerante para com o Outro é o do autêntico fundamentalista radical.¹¹

¹¹ ZIZEK, Slavoj. *On Belief*. London and New York: Routledge, 2001. p. 68-69. “[...]moral majority fundamentalists and tolerant multiculturalists are the two sides of the same coin, they both share the fascination with the Other. In moral majority, this fascination displays the envious hatred of the Other’s excessive jouissance, while the multiculturalist tolerance of the Other’s Otherness is also more twisted than it may appear – it is sustained by a secret desire for the Other to REMAIN “other,” not to become too much like us. In contrast to both these positions, the only TRULY tolerant attitude towards the Other is that of the authentic radical fundamentalist.”

Para o esloveno, a ética da alteridade aspira à domesticação ética do outro, o que confere a condição de possibilidade da tolerância. Do contrário, sem essa sublimação da diferença, como seria possível sustentar a ordem em cidades multiétnicas como Nova York e São Paulo? O desejo de não-indiferença sustentado por Lévinas, afirmando que o outro é o *locus* da abissal responsabilidade, encobre e maquia todo o primitivismo e violência típica ao homem. O outro é e sempre foi objeto de nossas relações de poder, violência e dominação. Pode tornar-se Coisa.

O que Lévinas ofusca desse modo é a monstruosidade do próximo, uma monstruosidade pela qual Lacan aplica ao próximo o termo Coisa (*das Ding*), usado por Freud para designar o objeto último de nossos desejos em sua intolerável intensidade e impenetrabilidade. Deveríamos ouvir neste termo todas as conotações da ficção de horror: o próximo é a Coisa (Má) que espregueira detrás de todo primitivo rosto humano.¹²

Obnubilados pela tolerância repressiva do multiculturalismo corremos o risco de tornarmo-nos cegos às possibilidades de que o outro pode simular o desejo de bondade, equidade, respeito e justiça visando interesses próprios. O outro pode se esconder atrás de uma máscara e dissimular situações. O que num momento expressa harmonia e aceitação pode resguardar um ressentimento discriminatório sem precedentes. Uma classe discriminada e diminuída, passando porventura à dominância, pode ser tão ou mais indiferente e intolerante. Afinal, não é privilégio de nenhum grupo o ato discriminatório. Logo, segundo essa lógica, é artificial um discurso que a tudo e a todos compreende e aceita.

A natureza onicompreensiva da Universalidade Concreta pós-política, que a todos dá inclusão simbólica – essa visão e prática multiculturalista de ‘unidade na diferença’ (todos iguais, todos diferentes’)-, consente, como único modo de marcar a própria diferença, o gesto proto-sublimatório que eleva Outro contingente (por sua raça, seu sexo, sua religião...) à ‘Alteridade Absoluta’ da Coisa impossível, da ameaça posterior a nossa identidade: uma Coisa que deve ser aniquilada se quisermos sobreviver.¹³

¹² _____. *Robespierre, ou a “divina violência” do terror*. Apresentação da coletânea de textos de Robespierre intitulada *Virtude e Terror*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. p. 15.

¹³ ZIZEK, Slavoj. *En defensa de la intolerancia*. Madrid: Sequitur, 2008. p. 36. “La naturaleza onnicomprensiva de la Universalidad Concreta post-política, que a todos da inclusión simbólica -esa visión y práctica multiculturalista de “unidad en la diferencia” (“todos iguales, todos diferentes”)-, consente, como único modo de marcar la propia diferencia, el gesto proto-sublimatorio que eleva al Otro contingente (por su raza, su sexo, su religión...) a la “Alteridad absoluta” de la Cosa imposible, de la ‘amenaza postrera a nuestra identidad: una Cosa que debe ser aniquilada si queremos sobrevivir.”

Zizek acusaria Lévinas de ser um obsessivo. Sabe-se que um obsessivo é aquele que espera incansavelmente o grande acontecimento, mas o grande prazer é o fato desse evento ser adiado. Talvez a temporalidade levinasiana assentada na paciência, no jamais da morte, por exemplo, seja uma obsessão, em viés patológico. Seria a filosofia de Lévinas um pensamento obsessivo?

Exageros de interpretação a parte, compartilhando da intenção de Zizek, Alain Badiou, marroquino de nascimento, mas considerado um filósofo, dramaturgo e romancista francês, acredita que muito antes do *boom* das neo-éticas vir à tona, Lévinas já inaugurava a onda de “radicalismo ético”. Badiou acredita não haver uma filosofia de Lévinas, se não um amontoado de preceitos religiosos diluídos no linguajar filosófico tradicional. O pensamento, nulificado por uma teologia, transforma-se em ética, e esta é uma religião decomposta. O dispositivo levinasiano quer destituir a filosofia em privilégio da ética, destronar a lógica do Mesmo para democratizar eticamente o pensamento. O discurso das diferenças, o “catecismo contemporâneo da boa vontade”, sabendo ou não, opera com esse pano de fundo.

Consciente ou inconscientemente, é em nome dessa configuração que nos é explicado hoje que a ética é ‘reconhecimento do outro’ (contra o racismo, que negaria este outro), ou ‘ética das diferenças’ (contra o nacionalismo substancialista, que queria a exclusão dos imigrantes, ou sexismo, que negaria o ser-feminino), o ‘multiculturalismo’, (contra a imposição de um modelo unificado de comportamento e de intelectualidade). Ou, simplesmente, a boa e velha ‘tolerância’, que consiste em não sentir-se ofendido com o fato de que outros pensam e atuam diferentemente de você.¹⁴

Ainda participando da mesma opinião do filósofo esloveno, Badiou não consegue entrever espaço, nos nossos dias, para uma ética da diferença. A aversão às diferenças é o mais evidente dos fenômenos sociais do Séc. XXI e bem antes disso. Existe, como já afirmamos, um samaritanismo paradoxal na sociedade multicultural. Todo cidadão que respeita as diferenças é visto com bons olhos. Todavia, o intolerante não é tolerado. Por este motivo, Badiou acredita que todo o vão discurso do direito à diferença não está de acordo

¹⁴ BADIOU, Alain. *Ethics. An Essay on the Understanding of Evil*. London: Verso, 2001. p. 20. “Whether they know it or not, it is in the name of this configuration that the proponents of ethics explain to us today that it amounts to recognition of the other’ (against racism” which would deny this other), or to .the ethics of ‘differences’ (against substantialist nationalism, which would exclude immigrants, or sexism, which would deny feminine- being), or to ‘multiculturalism’ (against the imposition of a unified model of behaviour and intellectual approach). Or, quite simply, to good old..fashioned ‘tolerance’, which consists of not being offended by the fact that others think and act differently from you.”

com as verdadeiras intenções do filósofo lituano. Se “estamos bem longe do que Lévinas quer nos dizer”,¹⁵ isso se deve a uma filosofia extremamente axiomática e a uma ética ininteligível.

Na empreitada de Lévinas, a primazia da ética do Outro sobre a ontologia teórica do mesmo, está inteiramente unida a um axioma religioso e é ofender o movimento íntimo deste pensamento, seu rigor subjetivo, acreditar que se pode separar o que ele une.¹⁶

O outro carrega como essência apenas sua alteridade, seu Rosto¹⁷. É esse princípio que sustenta a outreidade e que mantém uma distância intransponível ao Mesmo, não se deixando compreender pelos esquemas clássicos do conhecimento. A obsessão pelo Outro não é um voluntarismo, é uma violência. Violência na medida em que viola a esfera egóica em que o Mesmo se auto-assegura. De onde, se não na releitura da religião, são oriundos esses axiomas? Como assentar a essência do outro no Rosto, uma realidade supra-sensível que não se deixa apresentar na experiência? Sem a religião, afirma Badiou, a filosofia de Lévinas se faz uma *confusão incompreensível*. Não é a Ética da Alteridade uma *teologia do outro*?

¹⁵ BADIOU, Alain. *Ethics. An Essay on the Understanding of Evil*. London: Verso, 2001. p. 21. “Here, however, we are a very long way from what Levinas wants to tell us.”

¹⁶ Idem, p. 22. “In Levinas's enterprise, the ethical dominance of the Other over the theoretical ontology of the same is entirely bound up with a religious axiom; to believe that we can separate that Levinas's thought unites is to betray the intimate movement of this thought, its subjective rigour.”

¹⁷ O conceito de Rosto é a marca maior do *humanismo metafísico* de Lévinas. Ao pensar em rosto, a primeira ideia que nos vem à mente é a plástica, a imagem, cor dos olhos, boca, etc. E de fato, o rosto que determina quem realmente somos. Evidentemente que o primeiro acesso ao rosto é físico, uma tentativa de fazer uma *gestalt*. Todavia, Rosto não se trata do fenômeno rosto, mas antes do epifenômeno Rosto. Para Lévinas, “o rosto não é um fenômeno cuja existência se resume na presença de sua aparência.” Quando olhamos o outro, o miramos como quem mira um objeto, atentando aos predicados. Segundo Lévinas, se encontra efetivamente outrem - em seu Rosto - através de um “olhar”, como *visage*, por que olhar é mais que enxergar, é conhecimento e percepção. Se é o Rosto a própria marca da alteridade radical, e sendo assim, marca do infinito, é excedência e inapreensibilidade aos moldes cognitivos clássicos. O Rosto é propriamente a força de inadequação entre o Mesmo e o Outro, o inobjetificável. Poderíamos aqui considerar o rosto – a *rostidade* do rosto - como uma espécie de “impressão digital” do ser individual, a marca da infinidade do outro. Quando lembramos de alguém ou sentimos sua ausência, o que imediatamente nos conclama é o rosto. Não lembramos meramente de outras partes do corpo, a não ser que objetifiquemos demasiadamente outro ser humano, como se tornou comum entre nós. O Rosto é o que irrompe o Eu, é o que extrapola a totalidade do Mesmo, daí deriva a infinidade do Outro e a consequente impossibilidade de apreendê-lo totalmente. O enigma do outro enquanto outro, um sujeito que fez outras escolhas e que possui outras preferências, que está noutra situação mundana, noutra disposição corpórea, noutra modo de ser diferentemente do *meu* modo de ser. O Rosto é, no fim das contas, a epifania da existência de um indivíduo. É o que leva Lévinas afirmar que “o ser exterior que se apresenta para além de sua ‘representação em mim’ e de sua função em ‘meu mundo’ como ‘objeto meu’ é designado como Rosto. A relação com o Rosto é linguagem e doação, bondade e justiça, desejo e deixar-ser.” Quisera o assassino que a morte fosse nada. Quisera ele que, ao morrer, o homem fosse completamente nadificado. O assassinato, “é um reconhecimento de que o Outro não pode submeter o meu poder.”¹⁷ A posteridade do Rosto soa como se fosse um “aqui e agora”, mesmo mediante a aniquilação física. É precisamente o Rosto que não pode ser “morto”, por que permanece e ecoa *post mortem*.

Coloquemos cruamente: o que a iniciativa de Lévinas nos recorda, com uma singular obstinação, é que todo esforço de tornar a ética um princípio do pensável e da ação, é essencialmente religioso. Poderíamos dizer que Lévinas é o pensador coerente e inventor de um pressuposto que nenhum exercício acadêmico de velamento ou de abstração pode obscurecer: distanciada do seu uso grego (de onde está claramente subordinada ao teórico), e tomada de forma geral, a ética é uma categoria de um discurso piedoso.¹⁸

Jacob Rogozinski, atualmente professor de metafísica na Universidade Marc-Block de Strasbourg, vai mais além e considera a filosofia de Lévinas um *misticismo prático*,¹⁹ um humanismo de vítimas e de perseguidos, de onde deriva a recorrência da ideia de *passividade* perante o Outro. Talvez o grande problema de Lévinas seja a mesma dificuldade pela qual passou o apóstolo Paulo quando, anunciando em Atenas um Deus Desconhecido, provocava a indiferença e a ironia dos gregos que, atavicamente politeístas, viam o monoteísmo com olhares malfazejos. Como propor uma novidade filosófica não helênica a toda uma filiação grega de pensamento? A resistência naturalmente é ferina. Não só de vocabulário, mas de procedimento. Torna-se complicado para Lévinas espriar uma crença ética onde o proselitismo é ontológico.

Todavia, assim como Paulo, Lévinas obteve um séquito de curiosos que se dispuseram a ouvir preleções sobre uma nova “deidade”. Ainda que não entendam as críticas à ontologia, os leitores mais apressados da *Ética da Alteridade* recebem com muito interesse a necessidade de perceber o outro em sua infinita outreidade. No fim das contas, os críticos de Lévinas acabam por não atacar exatamente sua filosofia. “Mas todos eles têm uma característica fundamental em comum: aceitam o valor ético e analítico das questões que se deixam em aberto a natureza assimétrica do ser.”²⁰

Os críticos, no entanto, parecem temer menos a filosofia levinasiana às conseqüências cotidianas das interpretações realizadas por grupos minoritários, sindicatos, ONGS, movimentos de esquerda e ultra-esquerda. O paradoxal, é que as éticas que pregam o respeito à diferença sabem definir exatamente as identidades. Mesmo por que, está manifesta por

¹⁸ BADIOU, Alain, op. cit., p. 23. “To put it crudely: Levinas’s enterprise serves to remind us, with extraordinary insistence, that every effort to turn ethics into the principle of thought and action is essentially religious. We might say that Levinas is the coherent and inventive thinker of an assumption that no academic exercise of veiling or abstraction can obscure: distanced from its Greek usage (according to which it is clearly subordinated to the theoretical), and taken in general, ethics is a category of pious discourse.”

¹⁹ C.f. ROGOSINSKI, Jacob. *Le don de la Loi*. Kant et l’enigme de l’ethique. Paris: Presses Universitaires de France, 1999. p. 338.

²⁰ HAND, Séan. *Emmanuel Levinas*. London and New York: Routledge, 2009. p. 121. “But they all have one critical feature in common: they accept the ethical and analytic value of those questions that keep open the asymmetrical nature of being.”

Lévinas, em *Autrement Qu'êtré*²¹, a fundamentação da responsabilidade desde a subjetividade. A subjetividade é rodeada, obsessionada pela alteridade. Existir, então, é suportar, carregar o peso do outro. Responsabilidade, enquanto resposta, é o peso que a subjetividade carrega, não importa que tipo de resposta: civil ou incivil. A ética de Lévinas, ainda que alguns leitores insistam, não é a do humilhado, do perseguido e do desgarrado.

Deste modo, é interessante notar que a “responsabilidade pelo outro”, citada aqui com frequência, não deve ser confundida com uma espécie de obrigação de ser bondoso, altruísta, empático, cuidar do outro ou colocar-se no lugar dele, “morrer por ele”. Desse modo, “Outrem é em relação a mim, isto é problema dele; para mim, ele é antes de tudo aquele por quem eu sou responsável.”²² E ainda reforça:

A relação com o outro não é uma idílica e harmoniosa relação de comunhão, nem uma simpatia pela qual, colocando-nos no seu lugar, nós o reconhecemos como semelhante a nós, mas exterior a nós; a relação com o outro é uma relação com um mistério. É sua exterioridade ou, antes, a sua alteridade [...] que constitui todo o seu ser.²³

O complicado, na concepção dos críticos de Lévinas, é aceitar que, na ética da alteridade, a noção de *substituição* sustenta a ideia de subjetividade responsável. Para desarticular a existência existencialmente solipsista e auto-assegurada, Lévinas diz que a essência da subjetividade é “*l'un-pour-l'autre*”, concepção que é espraiada do começo ao fim *Autrement Qu'êtré*, sua segunda grande obra. Esta está completamente empenhada em descrever a incalculável passividade do si-mesmo. É claro e manifesto que o *l'un-pour-l'autre* nada tem a ver com alguma espécie de ligação voluntariosa ou engajamento possível.²⁴ Estamos inexoravelmente atados à alteridade, seja a relação saudável ou violenta. Toda significação deriva do *l'un-pour-l'autre* responsável e que é a fonte do sentido ético da responsabilidade. O elemento estrutural do homem é a abertura ao outro. Seríamos, então, reféns da alteridade. Submetidos a outreidade.

Ainda que Lévinas não seja o fomentador de um discurso que edifica as atuais necessidades multiétnicas e muticulturalistas, os diversos ângulos de sua obra comportam

²¹ LÉVINAS, Emmanuel. *Autrement qu'Être ou au-delà de l'Essence*. Paris: Martinus Nijhoff, 1978.

²² _____. op. cit. p. 145.

²³ _____. op. cit, 63. “La relation avec l'autre n'est pas une idyllique et harmonieuse relation de communion, ni une sympathie par laquelle nous metant à sa place, nous le reconnaissons comme semblable à nous, mais extérieur à nous; la relation avec l'autre est une relation avec un Mystère. C'est son exteriorité, ou plutôt son alterité [...] qui constitue tout son être.”

²⁴ C.f *Autrement qu'Être ou au-delà de l'Essence*. Paris: Martinus Nijhoff, 1978, Chapitre V: SUBJECTIVITÉ ET INFINI. Seção e) “L'un-pour-l'autre n'est pas un engagement.”

interpretações possíveis acerca do trato de um ser humano para com outro, entendido na sua abissal diferença e inadequação. Óbvio que Lévinas expõe a necessidade de se pensar o humano em sua precária exposição e da conseqüente responsabilidade pela vulnerabilidade de outrem. Inclusive se preocupa com as figuras de alteridade que clamam por justiça. É comum em sua obra apontar figuras de alteridade consideradas mais fracas, como o estrangeiro, o pobre, a viúva e o órfão, em suma, o mais frágil. Visto que as dominações étnicas, políticas e sociais vêm submetendo historicamente uma grandiosa parcela de seres humanos, existe hoje, com uma força jamais vista, discursos de restituição moral para com os oprimidos. Parece-nos evidente a necessidade de regular o excesso de poder exercido sobre os que não podem se defender nem objetar aos desmandos ditatoriais que sufocam e emudecem.

Os exemplos de maior destaque atual podem ser localizados no discurso nordestino em São Paulo e a notória reação xenofóbica crescente no Brasil, no discurso hispânico nos Estados Unidos diante da crescente de medo por parte da América em relação à “invasão mexicana”, no discurso de libertação e da real democracia nas recentes revoluções árabes, no discurso da legalização das drogas e a necessidade de politização do tema, no discurso do respeito à diversidade sexual e nas mudanças sociais decorrentes dessa nova revolução, no discurso de ascensão dos pobres à classe média e as reações de quem sempre esteve economicamente no domínio.

Não se pode negar que Lévinas possui uma base filosófica capaz de sustentar um discurso multicultural, ainda que sua obra não seja explicitamente uma ode à tolerância. Trata-se de um esforço filosófico que parece sugerir o trato das atuais demandas oriundas da sociedade que exige o respeito à diferença. Mesmo os críticos, já o vimos, têm ciência de que Lévinas provavelmente não tinha a intenção de militar em nenhum dos discursos minoritários citados ou sequer ambicionou alinhar arengas de grupos minoritários. Talvez até tivesse se irritado com interpretações rasas de sua Ética da Alteridade – que indubitavelmente se assenta em bases filosóficas sólidas e combate o poder do discurso ontológico - que nunca visou o mero samaritanismo ou a caridade piegas e interessada. Mas, convenhamos, o inventor da pólvora também não fazia ideia de que algum dia uma Bomba Atômica pudesse ter sido testada. E, como bem diz o próprio filósofo, “a política opõe-se à moral assim como a filosofia à ingenuidade.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BADIOU, Alain. *Ethics. An Essay on the Understanding of Evil*. London: Verso, 2001.
- CIORAN, Emil. *Breviário de decomposição*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.
- HAND, Séan. *Emmanuel Levinas*. London and New York: Routledge, 2009.
- HUTCHENS, B. C. *Compreender Lévinas*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- KUIAVA, Evaldo Antônio. *Subjetividade transcendental e alteridade: um estudo sobre a questão do outro em Kant e Lévinas*. Caxias do Sul: Educs, 2003.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. *Le temps et l'Autre*. Paris: PUF, 2004.
- _____. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- _____. *Autrement qu'Être ou au-delà de l'Essence*. Paris: Martinus Nijhoff, 1978.
- LILY, Reginald. Levinas's Heideggerian Fantasm. In: PETTIGREW and RAFFOUL. *French Interpretations of Heidegger: An Exceptional Reception*. Albany: SUNY Press, 2006.
- MONTESQUIEU, Charles de Secondat, baron de. *Esprit des Lois*. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, 1864.
- ROGOSINSKI, Jacob. *Le don de la Loi. Kant et l'enigme de l'ethique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.
- ZIZEK, Slavoj. *En defensa de la intolerancia*. Madrid: Sequitur, 2008.
- _____. *On Belief*. London and New York: Routledge, 2001.
- _____. *Robespierre, ou a "divina violência" do terror*. Apresentação da coletânea de textos de Robespierre intitulada Virtude e Terror. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.